

**QUANDO O EXTERNO SE TORNA INTERNO, UMA LEITURA
DO CONTO *SISÉ*, DE JOSEFINA PLÁ**

Andre Rezende Benatti (PG – UFMS/CPTL – Capes)

RESUMO: O presente artigo visa uma leitura do conto *Sisé*, de Josefina Plá. Aqui propomos que a análise de tal conto se foque na sociedade presente no texto, interna à obra, esta como meio de leitura comparada com a sociedade externa, do mundo social, a realidade hispano-americana. Também abordaremos aspectos da modernidade presente no texto, como tal modernidade foi internalizada pela literatura, pois, assim como afirma Tadie (1992), o fator social existe anteriormente à obra de arte literária, e como qualquer ser humano, o homem (escritor) está condicionado a ela, e por tal reflete-a, transforma-a e isso é literatura, assim como na *Poetica*, de Aristóteles, uma “imitação” da realidade, mas conforme nos mostra Forster, esta imitação nunca pode ser confundida com cópia, pois ela sempre trará algo a mais, o oculto sempre é mostrado, mesmo que nas entrelinhas. Portanto, pretendemos exprimir uma leitura da modernidade e da sociedade, estas repletas por violências, abusos e desrespeitos, pobreza, mazelas que compõem o fator social hispano-americano do século XX. Para tal análise nos valeremos principalmente dos conceitos de Antonio Candido, Ronaldo Lima Lins entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura hispano-americana; Sociedade; Modernidade; Violência.

ABSTRACT: This article aims a reading of the story *Sisé*, *Josefina Plá*. Here we propose that the analysis of such a tale to focus on society in this text, the internal work, such as a means of reading compared with the external society, the social world, the Spanish-American reality. We also discuss aspects of modernity in this text, such as modernity was internalized by the literature because, as stated Tadie (1992), the social factor exists prior to the work of literary art, and like any human being, man (writer) is conditioned to it, and this reflects it, transforms it and this is literature, as well as in *Poetica*, *Aristotle*, an "imitation" of reality, but as *Forster* shows us, this imitation can never be confused with a copy, as it always brings something extra, the occult is always shown, even that read between the lines. Therefore, we intend to express a reading of modernity and society, these filled by violence, abuse and disrespect, poverty, sickness that make up the social factor Spanish-American of the century XX. For this analysis we will consider especially the concepts of *Candido Antonio*, *Ronaldo Lima Lins* and others.

KEY WORDS: Spanish American literature; Society; Modernity; Violence.

1 - INTRODUÇÃO

A começar pelas pinturas rupestres em cavernas a milhares de anos, o homem tem exprimido o anseio de comunicar-se e demonstrar o mundo no qual está inserido. Portanto, “ler” tais imagens significa, em parte, compreender o meio social em que aqueles primitivos seres existiram. Assim, com a invenção da escrita, o homem tem se legitimado das mais diversas maneiras para fixar o seu pensamento, as suas emoções, as suas conquistas, uma dessas maneiras chamamos literatura.

Procurar, no texto literário, o meio social não se justifica por si só, pois, tal texto não é uma cópia da realidade real e por tal motivo não serve para definir esse meio. O meio social só se torna relevante quando é uma parte interna que integre e qualifique a própria narrativa, sendo possível revisitar as forças colocadas em choque na conformação social. E tal integração entre o externo e o interno da obra somente se dá pelo bom uso das chamadas microestruturas da componente da obra de arte literária.

Para que um texto ficcional seja uma narrativa literária, pode se pensar que haverá o contista de se valer de um bom tema para que seu texto seja significativo, para que tenha valor literário, mas como nos afirma Julio Cortázar “a ideia de significação não pode ter sentido se não a relacionarmos com as de intensidade e de tensão, que já não se referem apenas ao tema, mas com tratamento literário desse tema, à técnica empregada para desenvolvê-lo” (CORTÁZAR, 1974, p. 153), portanto podemos apreender que involuntariamente ao que contexto que está sendo afligido no conto, o que verdadeiramente fará com se ele torne-se uma obra literária é o desenho, a forma, com que o autor o estruturará, pois é partir desta forma que o crítico literário fará sua leitura e compreensão do texto.

O conto produzido por Josefina Plá, a autora elege o rompimento com a sociedade civilizada e moralizada como foco de suas manifestações. A intenção do texto é o horror em relação a tudo o que se tem de externo ao escrito que foi internalizado em forma literária.

2 - O EXTERNO INTERNALIZADO: LITERATURA

A obra literária, assim como afirma Marisa Lajolo “é um objeto social muito específico” (LAJOLO, 2001, p. 17), a autora assegura que a obra literária existe por haver quem escreve e quem lê, no entanto buscando outra interpretação para tal afirmação, podemos relacionar a existência da obra literária, não

somente uma obra que é escrita e lida, mas uma obra que possa ser considerada especificamente Literatura a partir do trabalho ao qual o autor se empenha e desenvolve para que uma obra possa existir, um trabalho com a língua, um labor de forma, que desta maneira é lida, pois se não houver o trabalho de forma estruturante da narrativa a qualquer escrito poderia se chamar Literatura. A literatura é um objeto social muito específico por que nela há a criação de todo um sistema social específico que é construído, criado, a partir dos fatores externos com o intuito de que este, o externo, o social, desempenhe um papel na estruturação para a compreensão da obra, assim como afirma Candido (2000), tornando este assim o interno, portanto literatura.

A sociedade existe antes da obra, porque o escritor está condicionado por ela, reflete-a, exprime-a, procura transformá-la; existe na obra, na qual nos deparamos com seu rastro e sua descrição; existe depois da obra, porque há uma sociologia da leitura, do público, que, ele também, promove a literatura, dos estudos estatísticos à teoria da recepção. (TADIÉ, 1992, p.163)

No entanto, na obra de arte literária há uma sociedade que não é e nunca será a mesma sociedade que existe fora da obra, pois, o objetivo da literatura não é retratar a sociedade, e nem se o fosse não haveria meios para que se possa conseguir tal objetivo. O que há na obra literária é construção uma nova sociedade, que reflete a sociedade externa à obra, mas que segue seus próprios padrões conforme foram estes estruturados. E é desta sociedade, que desempenha algum papel na estrutura textual, que nos ateremos ao analisar o conto *Sisé*, de Josefina Plá.

Dentro do que nos cabe analisar do conto de Josefina Plá, ou seja, os componentes que atuam na organização interna da obra, de maneira a construir uma estrutura social do texto literário. Tomando como base o fator social de composição, devemos pensar, assim afirma como Edgar Allan Poe, a respeito de sua composição literária, em *Filosofia da Composição*, que cada elemento textual é escolhido por seu “compositor” por pura racionalidade buscando o efeito que seu texto causará em um possível leitor. O escritor/poeta não pode e não dispensa nada que o auxilie em tal efeito, e é um efeito de estranheza e repulsa pela dita moralizada sociedade cristã, que podemos notar pela composição da narrativa *Sisé*, em que a personagem título é criada como um animal.

La cocinera llegaba con el mate de pesada plata. Lo entregó a la patrona; luego alzó a la criatura, le miró la boca como a un animalito:

- *Un año, a gatas.*

Lo dejó en el suelo y fue a buscar otro mate. Cuando volvió:

- *Tiene que tomar leche, la señora. Estos maman hasta tarde.*

La vieja hizo un gesto desdeñoso, entre dos chupadas:

- *¿Quién va perder tiempo en eso?*

- *Yo le daré. Yo cuidé el chanchito guacho, ¿te acordás, pa?...*

Y la cocinera se llevó la criatura a la cocina. Le dio leche, con la misma mamadera del chanchito, lavándola bien primero, claro.⁴ (PLÁ, 1996, p. 196)

Conforme assegura Forster (2004), um romance relata os fatos de uma “estória”, sem ela não há romance, tal consideração pode ser impecavelmente aplicada outro tipo de narrativa ficcional literária, o conto. Tal estória narra sua existência no tempo, que está circunscrito em determinado espaço e quem expõe episódios da “vida de pessoas”, segundo a terminologia dada por Edgar Morgan Foster em *Aspectos do Romance* (2004). As pessoas das narrativas, nunca serão indivíduos reais, pois a função do romancista, e isso pode ser aplicado ao contista igualmente, assim como afirma Foster (2004), é registrar o que permaneceria oculto na vida de determinada personagem, tornando-a literária, mesmo que tenha sido histórica, pois de personagens da “vida real” não se pode saber tudo e é isto o que difere pessoas reais de pessoas literárias, destas últimas é possível saber tudo o que se pode saber de alguém e o que é preciso para que tal coisa é ler, mesmo com o caso do conto que é uma narrativa curta e que se utiliza da subjetividade em toda sua escrita, tudo a respeito da personagem está dentro do texto, escondido em suas entrelinhas.

O conto se trata de uma narrativa onde as convenções sociais da sociedade ocidental são deixadas totalmente de lado, e isso é facilmente percebido por qualquer leitor, em qualquer nível de linguagem. Para que se possa compreender as dimensões sociais da narrativa de *Sisé*, é preciso nos atentarmos para o fato de que seu enredo narra a vida de uma personagem que é criada em condições animais, até que em certa altura de sua composição adquire ares eróticos e sofre violência sexual de seus “criadores”. O que há no conto de Josefina Plá é uma corrosão, por parte dos elementos de estruturação texto, a certos valores sociais, valores estes que se pensarmos que a cultura hispano-americana é calcada por valores religiosos extremos é uma exposição da decomposição da própria fundamentação de tal cultura, pois no conto ao mesmo tempo em que os dominadores, donos da fazenda, “preservam” aparentemente os valores religiosos:

⁴ Trad. nossa: A cozinheira chegava com o mate de pesada prata. O entregou à patroa; logo ergueu a criatura, lhe olhou a boca como um animalzinho:

- Um ano, mais ou menos.

Lhe deixou no chão e foi buscar outro mate. Quando voltou:

- Tem que tomar leite; a senhora. Estes mamam até tarde.

A velha fez um gesto desdenhoso, entre duas chupadas.

- Quem vai perder tempo com isso?

- Eu lhe darei. Eu cuidei do porquinho guaxo, lembra-se senhora?

E a cozinheira levou a criatura para a cozinha. Lhe deu leite, com a mesma mamadeira do porquinho, lavando-a bem primeiro, claro.

La patrona, allá en la capital, iba siempre a misa; acá en la estancia no siempre podía; le pesaban mucho las piernas. Pero allá en la ciudad y aquí en el monte era igualmente católica. Fue ella la que dijo:

- *Hay que bautizar esa mitá cuñá.*

Fue asunto dilatado hallarle un nombre, porque a nadie se le ocurrió que ese nombre podía ser de todos los días, como Clara, o Teresa, o Juana, ni siquiera Romilda o Sebastiana. Por fin al viejo Luzarte le vino la idea de mirar un desgualdramillado calendario de veinte años atrás que constituía su lectura eventual. Buscó y buscó en el santoral. Y encontró Sisenando.

- *Sisenanda...Sisé... Eso era.*

*Un nombre cristiano, y sin embargo, no demasiado parecido al de los otros cristianos.⁵
(PLÁ, 1996, p. 196-197)*

Criam um ser humano como se fosse um animal qualquer de sua fazenda: “(...)La criatura sentada en el suelo de la cocina, chupaba un hueso que la cocinera le pasaba de su plato, (...)”⁶(PLÁ, 1996, p. 196)

Partindo do ponto em que a Literatura possui um contato extremamente estreito com a realidade externa a ela, contato este que oscila entre depender e se rebelar, Ronaldo Lima Lins (1990), afirma que na compreensão da natureza literária, se aceita o princípio de que a arte se revela tendo como uma de suas funções a mudança de alguma coisa em seu apreciador. E é exatamente o que ocorre quando lemos a narrativa de *Sisé*, há no leitor uma sensação de estranheza em relação à ideia que se tem de uma família que “preza” os costumes cristãos, assim como a família construída pela autora dentro da narrativa. No entanto, quando nos remetemos à *Poética* de Aristóteles, nos deparamos com o conceito de que a arte é uma imitação da realidade assim como um aprendizado sobre a mesma, com tal conceito podemos compreender a construção narrativa da autora paraguaia como um ato de princípios a partir do horror da realidade externa projetada na realidade interna.

⁵ Trad. nossa: A patroa, lá na capital, ia sempre à missa; aqui na fazenda nem sempre podia; lhe pesavam muito as pernas. Mas lá na capital e aqui nas montanhas era igualmente católica. Foi ela a que disse:

- Tem que batizar essa pequena menina.

Foi assunto longo achar-lhe um nome, porque a ninguém lhe ocorreu que esse nome podia ser um de todos os dias, como Clara, ou Teresa, ou Joana, nem sequer Romilda ou Sebastiana. Por fim ao velho Luzarte lhe veio a ideia de olhar um desgrehado calendário de vinte anos atrás eu consistia sua leitura eventual. Buscou e buscou no calendário. E encontrou Sisenando.

- Sisenanda...Sisé...Era isso.

Um nome cristão, e no entanto, não parecido demais ao de outros cristãos.

⁶ Trad. nossa. (...) A criatura sentada no chão da cozinha, chupava um osso que a cozinheira lhe passava de seu prato(...).

Em *Sisé* é narrada a história da personagem *Sisenanda*, ou *Sisé*, como no título do conto, *Sisé* é uma menina que perde sua mãe ao nascer e que é encontrada por empregados de uma fazenda no interior do Paraguai, nesta ambientação campesina, *Sisé* é criada como se fosse um animal do lugar, bebendo no mesmo vasilhame que os porcos “(...) *Le dio leche, con la misma mamadera del chanchito* (...) (PLÁ, 1996, p.196),⁷ comendo sobras de ossos, “(...) *La criatura sentada en el suelo de la cocina, chupaba un hueso que la cocinera le pasaba de su plato* (...) (PLÁ, 1996, p.196)⁸. Está é a vida de *Sisé*, até que a mesma, atingindo certa idade, começa a tomar formas mais femininas é então que outra torrente de violência começa na vida da garota, que passa a ser violentada primeiramente pelo dono da fazenda, depois por seus filhos, a violência segue até que *Sisé* engravida e é encontrada morta junto a seu filho em uma manhã de Natal.

Como se pode perceber a personagem é construída a partir de uma extrema violência, tudo o que é narrado pelo narrador, que neste caso se encontra em terceira pessoa, é focado com a presença constante da Violência, é por meio dela, e a partir dela que a narrativa se fará. De acordo com Ronaldo Lima Lins em “a humanidade tem sido, ao longo dos tempos, uma velha amiga da violência” (LINS, 1990, p. 51), e a vida dada a *Sisé* é uma vida enraizada pela violência.

Em *Sisé*, o fator social, tomando as determinações deste feitas por Candido (2000), fornece para além de matéria, que são os costumes, as ambientações, também é um veículo para conduzir a criação do conto, a sociedade neste, ou melhor a quebra de um paradigma moralizado de sociedade atua como um elemento constitutivo essencial para a obra enquanto arte. É evidente, pela maneira com que a personagem *Sisé* é criada na narrativa, que ela está posta em uma sociedade totalmente às avessas do que prega a moral civilizadora ocidental, o trato de um humano como ou pior que um animal. *Sisé* é abusada e isso se faz como um costume, há uma quebra do paradigma social católico cristão, do qual a família que cria *Sisé* “pertence”.

Fue al terminar esa misma primavera un día lluvioso, pero no de noche sino de siesta, cuando el patrón llamó a *Sisé* a su pieza, cerró la puerta, la tomó en vilo del brazo, la echó en la cama y desplomó sobre ella sus ochenta kilos de musculatura recia y de hueso pesado. *Sisé* creyó que el patrón la iba a matar: desorbitó los ojos, quiso sin duda gritar; pero el hombre le apretó la boca con su mano enorme como la paleta de blandear los bifés - india de mierda, cállate - y la mantuvo muda a la fuerza durante mucho rato. Cuando la echó del cuarto, quedándose él boca arriba con el aire del que ha comido demasiado, *Sisé* se limpió con el borde del vestido. No se le movía un músculo del rostro, pero un agua lustrosa le corría mejillas abajo. La cocinera que vio antes que nadie el vestido manchado, rezongó ásperamente algo, pero no le pegó esta vez. Le pasó por las mejillas su delantal de dudosa limpieza, le dio otro vestido y quemó aquél en el fogón de la cocina.

⁷ Trad. nossa. (...) Lhe deu leite, com a mesma mamadeira do porquinho (...);

⁸ Trad. nossa.(...) A criatura sentada no chão da cozinha, chupava um osso que a cozinheira lhe passava de seu prato(...).

Se convirtió en una costumbre del patrón.(...) ⁹ (PLÁ, 1996. p. 199-200)

No conto a representação social se faz pela quebra do padrão civilizatório ocidental, pois o mimetismo que se tem do que é real e não do ficcional, nos permite uma ponte entre o mundo da obra e o mundo externo a ela, fazendo com que o mundo interno à obra de ficção se choque com nossos padrões (externos) em relação à personagem central Sise.

Para Autran Dourado “a personagem tem mais a ver com a forma do que com a vida, embora a vida seja seu alimento diário.” (DOURADO, 1973, p.100), no entanto para que possamos ler tal personagem, no caso de Sise, uma personagem criada a partir da violência, necessitamos do mundo externo, da vida social fora da obra para que assim possamos ler o literário como um todo e não somente a maneira com que ele é estruturado ou que o seu social, externo, está posto, pois se trata de uma obra literária onde o emprego do real é dado com trabalho de língua.

Na literatura, a obra de arte é um fenômeno sociocultural e não pode ser percebida fora desse contexto. A literatura afirma Antônio Candido,

É um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vivem na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. [...] a obra de arte só está acabada no momento em que se repercute e atua, porque sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do seu processo, isto é, o seu efeito. (CANDIDO, 2000, p. 25)

Vê-se, pois que, a comunicação artística supõe três elementos fundamentais: autor, obra e público, indissolúvelmente ligados em seus papéis sociais. Portanto não há como dissociar tais elementos, do contexto onde foram criados, ou seja o contexto externo, que para se tornar propriamente literatura foram

⁹ Trad. nossa. Foi ao terminar essa mesma primavera em um dia chuvoso, mas não de noite senão na sesta, quando o patrão chamou Sisé a seu quarto, fechou a porta, a pega desequilibrada pelo braço, a jogou na cama e debruçou sobre ela seus oitenta quilos de musculatura forte e de osso pesado. Sisé acreditou que o patrão ia matá-la: desorbitou os olhos, quis sem dúvida gritar; mas o homem lhe apertou a boca com sua mão enorme como a tábua de amaciar os bifés - índia de merda, cale-se- e a manteve muda a força durante muito tempo. Quando a jogou do quarto, ficando ele de boca para cima com ar de quem havia comido demais, Sisé se limpou com a borda do vestido. Não movia um músculo do rosto, mas uma água lhe corria bochechas abaixo. A cozinheira que viu antes que ninguém o vestido manchado, resmungou asperamente algo, mas não lhe bateu desta vez. Lhe passou pelas bochechas seu avental de duvidosa limpeza, lhe deu outro vestido e queimou aquele no fogão da cozinha.

Se converteu em um costume do patrão.(...)

inseridos na obra a partir de um estruturação que conta com espaço, tempo e personagens, onde a violência e a transgressão dos padrões moralizantes da sociedade só expostos com veemência.

A violência que Hannah Arendt (2011), esclarece com uma falta da autoridade de poder que por conta do descontrolo desta falta, exacerba no que há de mais natural no homem, a violência, desde os primórdios de sua história o homem tem continuamente convivido com a violência, pode-se chegar até a dizer que grande parte da evolução da raça humana se deu por meio dos abusos, das violências que envolveram o homem em sua pequena história, tal é o motivo que quando a violência é retratada na literatura e o homem pode se ver como um ser violento há o choque e a negação de tal literatura o que caracteriza mais violência. De acordo com Arendt a:

(...) agressividade, definida como um impulso instintivo, diz-se que ela representa o mesmo papel funcional, no âmbito da natureza, que os instintos sexuais e os de nutrição do processo vital do indivíduo e da espécie. Mas diferentemente desses instintos, que, por um lado, são ativados por necessidades corporais premente, e, por outro, por estímulos externos, os instintos agressivos no reino animal parecem ser independentes de tal provocação; ao contrário, a falta de provocação conduz aparentemente à frustração do instinto, ao “recalque” da agressividade, que de acordo com alguns psicólogos, causa o bloqueio da “energia” cuja conseqüente explosão será extremamente perigosa. (...). Segundo essa interpretação, a violência sem provocação é “natural”; se ela perdeu sua *rationale*, basicamente, a sua função na autopreservação, tornou-se “irracional”, e essa é supostamente a razão pela qual os homens podem ser mais “bestiais” do que outros animais. (ARENDR. 2011, p. 79)

Homens que confusos em relação ao que lhe cerca, busca da naturalidade uma explicação para sua própria agressividade sem precedentes, no entanto, fazendo tal, acaba, por conta de sua racionalidade, tornando-se irracional, mais selvagem que outros animais. Portanto, não é surpresa que a literatura, que é uma imitação da vida humana por meio de palavras, reflita sobre a violência, a agressividade humana através de textos que dar mais diversas maneiras expõe cruamente a violência humana, assim com as contradições de um ser que vive dentro da uma perspectiva moralizadora, mas que usa de forma atroz os de sua espécie.

O que se tem de violento dentro, não só da literatura de Josefina Plá, mas como um panorama geral da literatura produzida no século XX, é nada mais que um espelho da vida social do homem de tal século, o capitalismo exacerbado, as intolerâncias, as marcas de um século que viveu todo seu tempo dentro de um panorama violento cronologicamente marcado pela primeira guerra mundial, a quebra financeira do final da década de 1920 que violenta a população de qualquer parte do globo, seguida pela segunda guerra mundial, assim como esta é seguida pela guerra fria e o regime de ditaduras, portanto não há como desvencilhar a

violência, que é um fator que marca a construção do homem o século XX, de sua produção literária, que já desde Aristóteles é marcadamente uma “imitação” da vida humana. Mas porque a violência é tão presente neste cotidiano do século XX?

A resposta está na forma com que o homem foi criado a partir de suas ideologias, sua sede por poder e a falta dele, que conforme afirma Hannah Arendt (2011), leva ao impulso violento, que de acordo com Pedro Lyra “o que ocorre com a violência é semelhante ao que ocorre com a inflação: se todos saíssem perdendo, ela já teria acabado.” (LYRA, 1980, p.34), há sempre a busca por esse domínio e quando não há controle sobre tal poder de dominação, há a geração da violência, no entanto alguém sempre está ganhando poder com o descontrole e a violência de outros, logo retratar literariamente a violência funciona como um espelho refletor da realidade humana, espelho de questionamento que também é marcado em outras literaturas anteriores como a de Virginia Woolf e que Josefina Plá revela com clareza a carnificina social humana, que condena a carnificina humana onde o ser humano comete atrocidades contra outros de sua espécie assim revelando sua corrupção.

Portanto, a literatura de Josefina Plá, no que se pode dizer do conto *Sisé*, assim como a literatura em geral produzida na América Hispânica do século XX, deixa de ser uma literatura de prazer produzida do século XIX e anteriores, e passa a ser o que Barthes (2002), mostra como um texto de fruição “(...) aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.” (BARTHES, 2002, p. 20-21), e podemos completar, assim como em relação a tudo o que cerca social, ideológica e psicologicamente.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Arte literária provém da atividade humana de criar outras realidades por meio de palavras. De acordo com Hamburger (1986), é profunda e tensa a ligação entre arte e realidade, por que:

criação literária é coisa diferente da realidade, mas também significa o aparentemente contrário, ou seja, que a realidade é o material da criação literária. Pois é apenas aparente está contradição, já que a ficção só é de espécie diversa da realidade porque é material daquela (HAMBURGER, 1986, p. 2).

O artista, este tomado em sua forma general e não somente o literato parte da sua percepção de realidade para chegar à ficção, assim como também nos mostra Candido (2000), o externo à obra, ou seja, o social, é internalizado na ficção, “Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno* [...]. (CANDIDO, 2000, p. 14), portanto podemos nos dar o direito de pensar que tudo o que está disposto em uma obra literária parte de uma realidade externa, para uma realidade literária.

Logo o que é abordado como tema central na obra de Josefina Plá, as violências dispostas no texto, são então uma reflexo da realidade que vive externa a todo o bojo literário, intelectual e acadêmico, de uma maneira geral, e principalmente nesta obra é desta maneira que a autora cria seus mundos literários, com fortes referências nas realidades sociais, no conto Sisé, são expostos diversos pontos que marcam as mazelas que são próprias da vida humana, a literatura da autora, voltando a Barthes (2002), se mostra questionadora, uma literatura fruição.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Sobre a violência*. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CORTÁZAR, Julio. *Valise do Cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1974.
- DOURADO, Autran. Personagem, composição, estrutura. In: _____. *Uma poética do romance*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Trad. Sergio Alcides. 4. ed. rev. São Paulo: Globo, 2004.
- LINS, Ronaldo Lima. *Violência e Literatura* – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- LYRA, Pedro. *O Real no Poético*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1980.

PLÁ, Josefina, *Cuentos Completos* (org. FERNÁNDEZ, Miguel Ángel), Assunção: Editorial El Lector, 2000.

TADIÉ, Jean Yves. *A crítica literária no século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.